



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

O LUGAR DA CULTURA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA BREVE REFLEXÃO

Sigrid Rochele G P Magalhães ¹

Resumo: Este estudo baseia-se em um trabalho etnográfico com professores de LI, com o objetivo de verificar como as questões culturais estão sendo abordadas em sala de aula e no conjunto de práticas educativas, de forma que o aluno perceba que ele é um cidadão ligado à comunidade global. A metodologia utilizada é qualitativa e como instrumento de coleta de dados foram adotados questionário, registros etnográficos e entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos demonstram que é fulcral buscar novos caminhos para uma aprendizagem efetiva e significativa da língua inglesa. Conclui-se, também, que é recomendável que o professor redimensione o seu papel profissional, adotando uma postura mais crítica e politizada, tendo em vista que ele é um agente de mudança.

Palavras-chaves: Cultura; Práticas Educativas; Língua Inglesa.

Introdução

Durante esses últimos anos é possível notar uma crescente atenção para elaborações teóricas cada vez mais acaloradas sobre o lugar da cultura no ensino de línguas, em especial de inglês. Por conta desse interesse, surgiram muitas pesquisas, especialmente na área de Linguística Aplicada, sobre esse conceito e sua relação com língua e sociedade. Tais acepções foram definidas e redefinidas ao longo do tempo. Atualmente, já é patente que não se pode deixar de lado as questões culturais ao se falar do processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. É importante destacar, ainda, que as várias concepções de cultura, foram sendo definidas, redefinidas e (re)significadas ao longo do tempo. Sendo assim, urge afirmar que definir cultura é uma tarefa difícil, pois é uma acepção que é discutida em vários ramos do conhecimento humano, tais como a antropologia, a sociologia, a sociolinguística, entre outras áreas.

Com base nisso, o objetivo deste trabalho é analisar como as questões culturais estão sendo abordadas em sala de aula e no conjunto de práticas educativas, de forma que o aluno perceba que ele é um cidadão ligado à comunidade global, aberto a outras

¹ Doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora na Universidade do Estado da Bahia.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

culturas, capaz de apreciar o valor da liberdade, respeitando a dignidade dos seres humanos e suas diferenças. Assim, para embassar esse estudo serão discutidos, em um primeiro momento, alguns conceitos de cultura e a sua relação com o ensino de língua inglesa. Em seguida, será apreciado um breve recorte do questionário, dos registros etnográficos e da entrevista realizada com os professores do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) em escolas públicas e particular, na cidade de Caetité-Bahia, onde foi feita esta pesquisa à luz dos estudos teóricos da Linguística Aplicada.

A cultura e a sua relação com o ensino de Língua Inglesa

Laraia (2001, p. 25), um dos nomes importantes de nossa antropologia, relata que no final do século XVIII e início do século XIX, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade. Por outro lado, a palavra francesa *Civilization* referia-se às realizações materiais de um povo. Ele explica que esses termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*. Então, essa acepção passa a referir “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871, p. 1 apud LARAIA, 2001, p. 25).

Para Eagleton (2005, p. 9), o termo cultura é um dos mais vastos e intrincados de uma língua, perdendo somente para o termo natureza, ao qual é “conferida a honra de ser o mais complexo de todos”. Eagleton (2005, p. 9), relata, também, que o termo *cultura inicialmente* era designado para a mais nobre das atividades humanas: trabalho, agricultura, colheita, cultivo e cuidado com a terra. Por isso, ainda hoje é comum referir-se a cultura da mandioca, a cultura do trigo, etc.

Como já foi dito, o antropólogo Edward Tylor (1832-1917) sintetizou esses termos no vocábulo inglês *Culture*, dando um novo conceito para o termo cultura. Então, essa acepção passa a referir “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Progressivamente, ‘cultura’ se libera de seus complementos e acaba por ser empregada só para designar a ‘formação’, a ‘educação’ do espírito.

Dessa maneira, verifica-se que, a partir daquela época, o conceito de cultura passou a diferenciar as pessoas, as raças, perpassando pela ideia de conhecimento, civilização, refinamento, poder e riqueza, menosprezando e diferenciando qualquer outro tipo de cultura que não se caracterizasse conforme esses moldes preconcebidos.

Daí, então, esse vocábulo não era utilizado no plural, somente no singular, pois não havia diversidade e variações para essa palavra. No entanto, hoje, se percebe que o entendimento da cultura deve ser plural, já que é caracterizada pela diversidade entre os seres humanos, grupos, sociedade, nação.

Em tempos de globalização, ratifica-se que o homem é multicultural, portanto, engendrado num entrelaçamento de diferenciadas culturas, que devem ser respeitadas, aceitas e reconhecidas. Muitas vezes, nós, educadores, não nos sentimos preparados para lidar com a questão da diversidade cultural. Por exemplo:

O diretor da escola não percebeu a agressão contida no termo “negro da vila”. Essa expressão, utilizada por um estudante num momento de conflito para demarcar o pertencimento do colega a um grupo inferior, funciona como um poderoso dispositivo de intimidação e de sujeição. A dinâmica da sala de aula não permitia a explicitação do conflito, que foi resolvido pelas próprias crianças fora da sala da aula, enfrentando-se fisicamente. O diretor atribuiu a culpa pela agressão ao menino negro por ser identificado como o mais violento e o puniu, consolidando sua sujeição (FLEURI, 2009, p. 17-18).

A fim de evitar tais situações, devemos desmitificar os preconceitos e estereótipos que utilizamos para caracterizar ou definir pessoas, culturas, conceitos e regras. Logo, devemos compreender melhor o que é diversidade cultural, principalmente por sermos brasileiros. Por vivermos em um país que se caracteriza por essa multiplicidade, tais como, étnicas, políticas, sociais, morais, religiosas, linguísticas e econômicas. Esses elementos proporcionam um eclético modo de viver, de relacionar-se, de ter diferentes posicionamentos e interpretações distintas.

Isso posto, não há como ignorar as diversidades culturais que nos rodeiam incessantemente e as complexas relações advindas dessa possível miscigenação. Ainda assim, cabe uma desconstrução dos preconceitos, estereótipos e intolerância na nossa



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

sociedade, nas nossas escolas, nas nossas casas que, talvez por ingenuidade, acobertam e propagam a ideia de uma cultura hegemônica, homogênea, universal. Para tanto, a fim de se obter, de fato, o respeito pelos direitos humanos, é desejável, que seja estimulado um ensino intercultural, que possa verdadeiramente legitimar a heterogeneidade cultural, principalmente, a aceitação e valorização da cultura dos grupos minoritários, de modo a evitar atitudes negativas, ideias ultrapassadas e discriminatórias em nosso meio social.

Abordagem metodológica

Esta pesquisa seguiu os princípios da pesquisa etnográfica, essencialmente, qualitativa, conforme as diretrizes de André (1995) e Gil (2002). A coleta de dados ocorreu com três informantes e em três unidades escolares (rede particular, rede estadual e rede municipal de ensino). Cada participante foi identificado como P1, P2 e P3. Na fase inicial da coleta de dados foi aplicado um questionário que objetivou investigar as concepções de língua e cultura dos professores colaboradores. No decorrer da pesquisa foi realizada uma entrevista que procurou obter um conhecimento mais aprofundado desses professores sobre a temática em estudo. Além disso, foram realizados os registros etnográficos, a fim de conhecer o cotidiano das aulas de inglês nessas unidades de ensino.

O que nos dizem os dados – análise do questionário

O questionário foi composto por vinte e uma questões e dividido em dois blocos de perguntas. O primeiro bloco, voltado para os dados pessoais, constou de sete perguntas, e o segundo bloco, enfocando perguntas específicas sobre o ensino da língua inglesa, englobou quatorze perguntas. Vejamos, agora, uma questão específica sobre a abordagem cultural:

Você acha importante ensinar aspectos culturais nas aulas de inglês? Se sim, que aspectos e que culturas você costuma abordar?



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

[P1] Sim, eu costumo mostrar a cultura dos principais países que falam a língua inglesa, gosto de fazer comparações com o nosso país sobre a política, renda, curiosidades.

[P2] Acho sim importante eles aprenderem a cultura dos países que falam a língua inglesa [...] Por exemplo, trabalhamos com o *Halloween*.

[P3] A cultura americana é muito rica. Mas não tenho disponibilidade de trabalhar essa cultura de uma forma ativa.

Vejo aqui que P1 e P2 afirmam que é importante ensinar aspectos culturais nas aulas de inglês. Dizem que ensinam a cultura dos principais países que falam a língua inglesa. P2 argumenta que procura diversificar com outros tipos de cultura. P3, apesar de reconhecer a *riqueza da cultura americana* não tem disponibilidade de trabalhar com essa cultura de forma ativa, somente com algumas datas comemorativas. Dessa forma, verifico que para muitos professores ensinar aspectos culturais é trabalhar com datas comemorativas ou conteúdos informativos sobre determinados países. Contudo, ensinar aspectos culturais perpassa muito além dessas concepções. É através de uma abordagem intercultural, que se espera poder preparar os alunos para conhecerem a si mesmos, a desenvolverem relações com os outros, a se tornarem membros solidários, democráticos, cidadãos ativos e críticos nessa aldeia global.

O que nos dizem os dados – análise dos registros etnográficos

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 49), a etnografia “é o desvelamento do que está dentro da ‘caixa-preta’ no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam”. Partindo desse pressuposto, procurei observar como são ministradas as aulas de inglês em três escolas de Caetité e o que acontece dentro desses espaços, entre o professor e os alunos. Para atingir esse propósito, foram observadas quinze aulas, sendo cinco aulas de cada colaborador. Neste caso, notadamente, foi considerada a abordagem dos aspectos culturais nas aulas de língua inglesa. Entretanto, tive pouca oportunidade de perceber tais práticas nas aulas realizadas, exceto na seguinte situação:

Aula 6, 8º ano B (P2): P2, ao corrigir um exercício, no livro didático, sobre Mona Lisa, pergunta aos alunos se eles visitaram uma exposição de Leonardo da Vinci,



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

no espaço INB. Eles responderam que não tinham ido. P2 faz referência ao museu de Louvre, onde está exposto o quadro Mona Lisa, e ao Museu Britânico. Há perguntas no livro, tais como: *Do you know any museums? Do you like museums? Do you know the painting Mona Lisa? Who painted it? In your opinion, is the woman happy or sad in the painting?*

Nessa aula, verifiquei uma abordagem intercultural ilustrada no livro didático, porém constatei que os discentes se mantinham dispersos, sem mostrar muita atenção quanto ao conteúdo explanado, sendo necessário, em vários momentos, P2 pedir atenção aos alunos. Entendo que tal desinteresse se deu por conta da falta de associação do grande artista Leonardo da Vinci com algum artista conhecido pela turma. Os alunos respondiam baseados no texto apresentado no livro, exceto essa terceira questão que era pessoal e eles não responderam. Assim, essa foi a única interação que os alunos tiveram com os aspectos culturais nas aulas de língua inglesa, todavia de forma descontextualizada de suas realidades.

Por certo, a exploração desse conteúdo se tornaria mais interessante se houvesse uma referência aos artistas e/ou obras de arte que, eventualmente pudessem existir na sala de aula, na escola, na cidade, no Brasil, para enfim chegar aos cânones. O livro cita pintores como Pablo Picasso, Vincent van Gogh, Pierre-Auguste Renoir e Leonardo da Vinci. Todos esses, possivelmente, desconhecidos por uma grande massa da população brasileira, principalmente para os jovens. Esses pintores, indubitavelmente, continuarão no anonimato para os alunos, em razão de que não houve nenhum trabalho contextualizado que pudesse ter significação para esses estudantes. Por isso, torna-se necessário enfatizar que, primeiramente, deve haver uma contextualização com a realidade dos aprendizes, em busca da compreensão e do significado para eles. Todavia, tal iniciativa não pôde ser verificada nesta dada aula.

O que nos dizem os dados – análise da entrevista

Já a entrevista teve como objetivo equacionar a voz dos professores com os demais registros, o que me favoreceu uma melhor reflexão e ponderação. Dessa maneira, pude, além de esclarecer alguns dados que não ficaram evidentes nos instrumentos



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

anteriores, autenticar os seus posicionamentos através de suas narrativas. A estrutura da entrevista não foi fechada, compõe-se de 14 (quatorze) questões abertas e de outras perguntas, que surgiram no desenrolar da conversa. Em vista disso, passarei à análise de uma pergunta realizada nesse processo.

De que maneira você procura contextualizar os aspectos culturais da língua materna com a cultura-alvo?

P1, P2 e P3 sempre relacionam aspectos culturais com as datas comemorativas, tais como *Halloween, Valentine's Day, Thanksgiving, April Fool's Day*, conforme os seus relatos. P1 esclarece que sempre tenta *comparar com a outra cultura, para saber como é que eles vivem, o que eles fazem, o que eles comem*. P2 afirma que *procura trabalhar com as datas comemorativas porque é mais fácil*. Por sua vez, P3 alega que, devido a uma carga horária insuficiente, fica difícil fazer abordagens culturais, não obstante trabalha com algumas datas comemorativas.

Interessante observar, seja pela comodidade, ou por uma carga horária inferior, torna-se mais prático, para esses informantes, fazer referências a algumas datas comemorativas.

No entanto, durante as observações de aulas, verifiquei diversos momentos adequados em que os professores pudessem salientar aspectos culturais da língua materna, da língua-alvo, da língua-alvo com a língua materna e vice-versa, principalmente, quando se constata que, na própria sala de aula, podemos encontrar uma diversidade de culturas que devem ser conhecidas, ressaltadas, valorizadas.

Por isso, reafirmo que tais abordagens não se caracterizam de forma isolada, estanque, disciplinar. A importância de se incorporarem questões interculturais nas práticas pedagógicas dos docentes, seja na língua materna, seja na língua-alvo, é imperiosa para a contribuição da promoção de cidadãos críticos, uma vez que, de acordo com os PCN (1998, p. 19), “ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si e sobre o mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social”.

Discussão dos resultados



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

**V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa**

É possível verificar que para esses professores tratar de aspectos culturais em sala de aula é trabalhar com datas comemorativas ou conteúdos informativos sobre determinados países. Contudo, o tratamento de aspectos culturais perpassa muito além dessas concepções. É através de uma abordagem intercultural, que se espera poder preparar os alunos para conhecerem a si mesmos, a desenvolverem relações com os outros, a se tornarem membros solidários, democráticos, cidadãos ativos e críticos nessa aldeia global.

Sobre tal temática, Santomé (2005, p. 166) alerta que o ensino e a aprendizagem que são produzidos nas salas de aulas representam uma das maneiras de “construir significados, reforçar e conformar interesses sociais, formas de poder, de experiência, que têm sempre um significado cultural e político”. Desse modo, dificilmente se encontrará presente nas salas de aulas a cultura popular. As culturas consideradas importantes de serem ensinadas pelas escolas são aquelas de prestígio social, conforme se comprova na fala de P3: *A cultura americana é muito rica*. Isso certifica, mais uma vez, que os conteúdos culturais apresentados são relativos aos países que detêm o mito da superioridade. Nesse sentido, Moita Lopes (2006) observa que as atitudes de alguns professores de LE são de adoração pela cultura de língua inglesa, principalmente pela cultura estadunidense. No entanto, tais culturas são invariavelmente esvaziadas de significados para os nossos educandos.

Nesse cenário de globalização, é preciso levar o aluno à reflexão crítica, ao entendimento da diversidade da língua e da multiplicidade de culturas, de enxergar o mundo livre de preconceitos, de estereótipos, e de poder fazer uso dessa língua em seu favor. Para isso, torna-se necessário que os professores tenham, pelo menos, um olhar mais criterioso nos conteúdos que são trabalhados em sala de aula, já que as aulas de língua inglesa, pela sua própria especificidade, são excelentes oportunidades para tratar de toda essa diversidade cultural que nos cerca.

Em vista disso, o ensino de uma língua estrangeira não se deve restringir apenas à descrição dos sistemas de signos e de estrutura linguística, como ocorre com certa frequência nas escolas, mas, sim, deve ser um ensino também pautado em valores



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

morais, sociais e interculturais de modo a evitar a exclusão social, as incompreensões, as injustiças e a intransigência.

Em suma, cabe uma desconstrução dos preconceitos, estereótipos e intolerância na nossa sociedade, nas nossas escolas, nas nossas casas que, talvez por ingenuidade, acobertam e propagam a ideia de uma cultura hegemônica, homogênea e universal.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- EAGLETON, T. **A ideia da cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FLEURY, R. M. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 95, maio/ago., 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de aprendizagem de ensino/aprendizagem de línguas**. 6. reimpr. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 159-177.